

À TUA LUZ VEMOS A LUZ

11 de julho de 2026

Solenidade de São Bento, padroeiro da Europa

Em ti está a fonte da vida,
à tua luz vemos a luz (Sl 36,10).

O MUNDO EM UM RAIO DE SOL

Este versículo do Salmo 36 (35) descreve bem uma experiência que São Bento vive aqui em Montecassino, em sua cela. São Gregório Magno a narra no capítulo XXXV do Segundo Livro dos Diálogos. Depois de ter mantido um colóquio espiritual com o abade de um mosteiro próximo, Servando, tendo descansado um pouco, Bento se levanta para rezar e, enquanto permanece em vigília, tem uma visão:

«Viu que uma luz difundida do alto havia expulsado as trevas da noite. Seu esplendor era tal que, embora brilhasse em meio à escuridão, superava a própria luz do dia. Enquanto permanecia assim em contemplação, aconteceu algo realmente maravilhoso, como ele mesmo contou mais tarde. O mundo inteiro, como reunido em um único raio de sol, foi colocado diante de seus olhos».

Nós experimentamos a nossa história pessoal, aquela na qual estamos imersos, e a história mais ampla dos homens, como fragmentada, dispersa, desarmônica, dividida. Bento, ao contrário, possui um olhar que reconduz toda dispersão e fragmentação à comunhão e à unidade.

Além disso, nos Diálogos, Gregório esclarece que tudo isso acontece não porque o mundo tivesse diminuído, mas porque o coração de Bento havia se dilatado. Nós somos sempre tentados a reconduzir a realidade à nossa própria medida; Bento vive a dinâmica oposta: seu coração e sua vida são dilatados à medida incomensurável de Deus e do seu olhar, e, portanto, também à medida de um mundo “outro”, segundo a visão de Deus e o seu desejo.

A realidade na qual habitamos é complexa, muitas vezes fragmentada, dispersa e até mesmo conflituosa. Não temos muitos instrumentos para transformá-la; frequentemente devemos acolhê-la em sua complexidade, sem pretender ou correr o risco de reduzi-la de modo ingênuo ou indevido. É o nosso coração que deve encontrar aquela unidade que nos permite habitar a complexidade da história sem sofrer uma fragmentação ou dispersão interior, mas buscando uma unificação da qual possa brotar um olhar transfigurado, capaz de ver cada realidade na própria luz de Deus.

«À tua luz vemos a luz!»

Essa visão é situada pelo Papa Gregório no final da vida de Bento. É útil recordar brevemente aquilo que ele coloca na origem de sua trajetória espiritual, particularmente no início de sua conversão e de sua escolha monástica.

O Papa Gregório narra que sua ama de leite, que permanecera com ele também depois do abandono dos estudos em Roma, pede emprestado um instrumento de barro para peneirar o trigo, mas este acidentalmente cai e se quebra em dois pedaços. Então Bento, compadecendo-se das lágrimas da mulher, reza e, de modo milagroso, a peneira é encontrada restaurada, “sem o menor sinal de rachadura”, precisa Gregório.

O episódio parece banal aos nossos olhos, até mesmo insignificante. Por que tantas lágrimas por causa de um instrumento de barro quebrado, provavelmente de pouco valor, e por que pedir a Deus o prodígio de tê-lo novamente inteiro?

Aos olhos de São Gregório Magno e segundo a sua sensibilidade espiritual, o episódio, embora simples e doméstico, assume um grande valor simbólico. De fato, por meio da peneira quebrada, ele pretende mostrar-nos como Bento volta a unificar aquilo que estava dividido. A tornar uno aquilo que havia se partido em dois.

Nesse gesto simples, para Gregório, esconde-se e revela-se todo o significado da experiência monástica: ela é um caminho que tende a unificar aquilo que frequentemente experimentamos como dividido, separado, desarmônico, até mesmo fragmentado e conflituoso. E aquilo que deve ser unificado não é certamente uma peneira de barro, mas o nosso coração, a nossa vida, a nossa pessoa.

Além disso, São Gregório situa a visão luminosa de Bento pouco depois da morte de sua irmã Escolástica e do último encontro que teve com ela, durante o qual Bento deve compreender que “pôde mais aquela que mais amou”. Viver sob o primado do amor é a condição para permanecer na luz, como recorda São João em sua primeira carta:

«Quem diz estar na luz, mas odeia seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz e nele não há ocasião de tropeço. Mas quem odeia seu irmão está nas trevas, caminha nas trevas e não sabe para onde vai, porque as trevas cegaram seus olhos» (1Jo 2,9-11).

PAZ, LUZ, COMUNHÃO FRATERNA, ESPERANÇA

Tendo presentes a experiência contemplativa de São Bento e essas considerações iniciais, compreendemos melhor o significado do caminho em quatro etapas que traçamos para nos aproximarmos progressivamente da celebração do Jubileu de 2029, quando recordaremos os 1500 anos da fundação de Montecassino.

Cada etapa está centrada em um tema, que contempla Montecassino e todo outro mosteiro beneditino como lugar de paz, de luz, de comunhão fraterna na caridade e, finalmente, de esperança. Não se trata de palavras ou temas simplesmente colocados lado a lado. É necessário, antes, compreender os vínculos que os unem, permitindo que se integrem reciprocamente.

A paz não é apenas ausência de conflitos, mas nasce de um coração que, ao se dilatar, torna-se capaz de harmonizar e unificar, formando um olhar diferente e transfigurado sobre o mundo e sobre a história.

Permanecer nessa luz tem como condição e, ao mesmo tempo, torna possível permanecer de modo estável na comunhão fraterna, vivendo no primado de uma caridade que aprende a nada antepor ao amor de Cristo.

Paz, luz e comunhão no amor tornam-se, então, as colunas que sustentam a esperança; por sua vez, a esperança alimenta o nosso compromisso pela paz, torna-se luz que ilumina o caminho e, desse modo, educa-nos a caminhar juntos rumo a um futuro diferente, sustentando-nos mutuamente pelos vínculos de uma sincera comunhão fraterna.

Esperar, de fato, implica a atitude de quem sabe aguardar junto com os outros e, sobretudo, sabe sustentar, com vínculos de fraternidade e de paz, a espera daqueles que sozinhos não conseguem fazê-lo e já não esperam mais nada, nem sequer o nascer de uma nova aurora em sua vida.

A ABERTURA DOS OLHOS E A ABERTURA DOS OUVIDOS

A luz da esperança é aquilo que nos desperta cada manhã, como recorda São Bento no Prólogo de sua Regra.

Despertemos, portanto, de uma vez por todas, como nos exorta a Escritura: “Já é hora de levantar-nos do sono”. Com os olhos abertos para a luz irradiada por Deus, e com os ouvidos atentos, maravilhados, escutemos aquilo que todos os dias a voz de Deus nos proclama, advertindo-nos:

“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração”.

E ainda:

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”.

E o que ele diz? “Vinde, filhos, escutai-me: eu vos ensinarei o temor do Senhor. Correi enquanto tendes a luz da vida, para que não sejais surpreendidos pelas trevas da morte”.

Todo autêntico despertar necessita de olhos que se abram para contemplar a luz irradiada por Deus e de ouvidos que, por sua vez, se abram para escutar a sua Palavra, o seu Logos, que o Espírito dirige às Igrejas e, na Igreja, a cada um de nós.

Iluminados por esta Palavra, que é luz para os nossos passos (cf. Sl 119,105), é possível caminhar, e até mesmo correr, na luz da vida, permanecendo filhos do dia mesmo nas trevas da noite, como São Paulo recorda diversas vezes em suas cartas, convidando os cristãos, que receberam a iluminação do batismo, a permanecerem filhos da luz e filhos do dia.

O caminho rumo a 2029 que vivemos aqui em Montecassino entrelaça-se assim, de modo sábio e fecundo, com o itinerário que o Abade Primas sugeriu para toda a Confederação Beneditina, ancorando-o nas quatro cidades fundamentais da trajetória biográfica e espiritual de Bento: Núrcia, lugar do despertar; Roma, lugar da escuta; Subiaco, lugar do crescimento; Montecassino, lugar da floração.

A luz e a escuta, que qualificam a segunda etapa deste itinerário espiritual, podem de fato ser compreendidas em suas implicações recíprocas, pois a Palavra só pode realmente ser luz em nosso caminho e lâmpada para nossos passos quando é acolhida por um ouvido aberto e por uma escuta atenta, vivificada por um desejo que mantém o coração desperto.

A luz é também metáfora da própria vida, como nos recorda a linguagem cotidiana, segundo a qual “nascer” significa “vir à luz”. A Palavra que escutamos é pão que alimenta esta vida que permanece na luz.

Ouvidos e olhos são também os órgãos que, na visão bíblica, expressam mais do que outros a qualidade do coração. A cegueira e a surdez, juntamente com a incapacidade de falar, são sinais de um coração endurecido e petrificado, incapaz de crer e de amar; ao contrário, o coração de carne manifesta-se em ouvidos que sabem escutar, permitindo assim tanto a abertura dos lábios quanto a abertura dos olhos.

Poderemos então não apenas ver a luz, mas também pronunciar palavras de luz, capazes de iluminar.

O caminho monástico, que todo monge e toda monja desejam viver, é marcado por estas etapas: a cada dia ele recomeça, ou melhor, deixa-se iniciar por uma Palavra escutada com atitude dócil, humilde e obediente, para que por ela seja iluminado, a fim de chegar, como filho do dia e da luz, à unificação de um coração que de pedra se torna carne.

Poderemos então contemplar o mistério de Deus que se esconde e se revela nas dobras ordinárias da história. A luz na qual habitamos, e que ilumina os nossos passos, é também a luz de um discernimento cuidadoso, que nos permite compreender quais são hoje as escolhas a realizar, as orientações para as quais devemos tender e as decisões que devemos assumir.

Devemos, portanto, perguntar-nos: como pode um mosteiro beneditino tornar-se verdadeiramente um lugar de luz? O que significa ser isso? Quais são as condições necessárias?

Cada comunidade poderia interrogar-se a partir destas perguntas e buscar respostas coerentes com sua própria história, suas características peculiares, o ambiente no qual está inserida e as relações que normalmente estabelece.

Sugiro algumas indicações que podem facilitar o início de uma busca.

LUGAR DE ATRAÇÃO

Para um mosteiro, ser lugar de luz pode significar, antes de tudo, ser um lugar de atração, onde as pessoas se sintam acolhidas e escutadas, segundo os traços próprios da hospitalidade beneditina definida pelo capítulo LIII da Regra.

O hóspede recebe luz da comunidade que o acolhe e, ao mesmo tempo, traz luz, quando se sabe reconhecer nele a visita de Deus, que justamente com o seu “incomodar” — como acontece com o amigo importuno da parábola de Lucas 11 — pode iluminar a vida de uma

comunidade, revelando tanto os seus aspectos luminosos quanto os seus lados mais obscuros, que ainda permanecem nas trevas e aguardam uma palavra luminosa que os esclareça e os evangelize.

Montecassino, pela sua estrutura arquitetônica e pela sua posição geográfica, situado como está no alto de uma colina, parece ser como a cidade sobre o monte de que fala Jesus no grande Sermão da Montanha, que não pode permanecer escondida, mas se apresenta como “luz do mundo”.

Com as pedras brancas do edifício, sobretudo quando iluminadas pelo sol, realmente se apresenta com uma luminosidade singular. Cada abadia, cada mosteiro, mesmo aqueles de dimensões mais reduzidas, possuem sempre uma luz particular que impressiona e atrai, e que pode ser valorizada segundo as características próprias de cada edifício monástico e de cada uma de suas igrejas.

ATRAÇÃO, IRRADIAÇÃO, CONTÁGIO

Desse modo, nossas abadias e nossos mosteiros podem e devem viver aquela forma particular de evangelização que acontece tanto por atração quanto por irradiação e contágio.

Sobre isso falava, já há muitas décadas, o cardeal Carlo Maria Martini, em sua carta dirigida em 1991 à cidade de Milão, cujo título retomava as palavras dirigidas por Deus a Jonas, o profeta desobediente e relutante: “Levanta-te e vai a Nínive”.

Distinguindo entre várias formas de evangelização, todas necessárias à Igreja em sua diversidade, o Arcebispo de Milão afirmava:

“Evangeliza-se de muitos modos. [...] Evangelizar por atração: assim faz a primeira comunidade de Jerusalém que, mesmo sem enviar missionários, vê acorrer ‘a multidão das cidades vizinhas a Jerusalém’ (At 5,16).

Evangelizar por irradiação: como a lâmpada sobre o candelabro ou a cidade sobre o monte, ‘para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus’ (Mt 5,16), ou ‘como uma lâmpada que arde e resplandece’, à cuja luz se alegra (cf. Jo 5,35). Evangeliza-se por uma ‘conduta irrepreensível entre os pagãos, para que... ao verem as vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visita’ (1Pd 2,12).

Evangelizar por contágio (é uma nuance do modo precedente): como uma lâmpada se acende em outra lâmpada, como um sorriso gera outro sorriso. Pode acontecer de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de um grupo para pessoas singulares que são contagiadas pela fé alegre de uma comunidade: ‘Eu vim trazer fogo sobre a terra’ (Lc 12,49). ‘Mesmo que alguns se recusem a crer na Palavra’, podem ‘sem necessidade de palavras ser conquistados ao considerarem a vossa conduta’ (1Pd 3,1-2).”

A luz do Evangelho deve iluminar a vida de nossas comunidades monásticas, para que elas possam, por sua vez, iluminar os outros, irradiando luz, atraindo e contagiando.

A LUZ DA CRUZ, DO LIVRO E DO ARADO

Nos nossos mosteiros, a luz gerou cultura, de tal modo que São Paulo VI, ao proclamar São Bento padroeiro principal da Europa, recordava como os monges beneditinos, com a luz da Regra e do testemunho de sua vida, ofereceram uma contribuição substancial e insubstituível para o nascimento e o crescimento do continente europeu, irradiando-se posteriormente para outros continentes através de numerosas fundações monásticas, não apenas com a cruz (a dimensão da fé) ou com o arado (a dimensão do trabalho), mas também com o livro (a dimensão da cultura).

Ainda hoje, Montecassino, assim como a maior parte de nossas abadias, sobretudo no continente europeu, conservam patrimônios culturais e artísticos de valor inestimável, que podem ser ainda mais valorizados para que, atraindo visitantes e peregrinos, possam irradiar aquela testemunha de fé que, aliás, os forjou.

No *Pacis nuntius*, o que se revela fundamental não são tanto as imagens isoladas, mas o fato de que elas estejam juntas, com suas implicações recíprocas, segundo aquela dinâmica de dilatação e unificação do coração que recordei no início. A cruz, isto é, a fé, torna-se livro e, portanto, cultura; e a cultura, por sua vez, encarna-se no trabalho, no compromisso solidário dentro da história para a transformação do mundo.

Por outro lado, o compromisso histórico é inspirado pela fé e animado por uma visão cultural; a própria cultura não separa Deus e o ser humano, a imanência e a transcendência; a vida espiritual é fuga da mundanidade, mas não do mundo, e não apenas dá uma alma ao trabalho, mas também se alimenta do próprio trabalho e o assume como lugar de crescimento humano e espiritual. E assim por diante.

O padre Bartolomeo Sorge, jesuíta, teólogo e especialista em Doutrina Social da Igreja, durante muitos anos diretor da *La Civiltà Cattolica*, em um discurso pronunciado em Montecassino em 1980, por ocasião do XV centenário do nascimento de São Bento, afirmava:

“Nesta síntese entre fé, cultura e trabalho encontra-se a essência da mensagem de São Bento, a originalidade da instituição beneditina. Nesta síntese entre cruz, livro e arado reside também a inspiração, a própria ideia de Europa.”

Devemos, portanto, perguntar-nos não apenas como conservar e valorizar este patrimônio cultural herdado do passado, mas também como, hoje, na era da inteligência artificial e da revolução digital, continuar a iluminar com a fé as culturas contemporâneas, preocupando-nos sobretudo em “guardar o humano”, como o Papa Leão XIV nos exorta a fazer na *Magnifica humanitas*.

Pelo menos no que diz respeito ao livro e ao arado — evidentemente, a questão relativa à cruz é diferente — eles caracterizam um modo mais amplo de pensar e de decidir, que já não pode ser circunscrito apenas à sabedoria cristã e muito menos aos mosteiros. Houve uma transmissão de valores que realmente conseguiu penetrar e fazer crescer uma massa muito ampla de pessoas.

Isso coloca o monaquismo na condição de poder reacender um diálogo e um confronto com outras visões de mundo, que encontram em alguns valores um ponto de convergência e de partilha. Não sozinhos, mas juntamente com muitos outros, podemos empenhar-nos por uma cultura integral e por um trabalho verdadeiramente humanizado e humanizante.

Juntamente com muitos outros, podemos empenhar-nos em combater os desvios que também esses âmbitos conhecem, às vezes de modo dramático, fazendo com que a cultura se transforme em subcultura e que o trabalho continue sendo uma experiência de escravidão e não de liberdade.

Neste campo não estamos sozinhos: podemos tecer alianças, projetar colaborações, traçar caminhos comuns e aceitar o desafio de iluminações recíprocas.

A LUZ DA BUSCA

Podemos ser lugares de luz se continuarmos a cultivar a atitude de sermos buscadores de Deus, e fazê-lo juntamente com muitos outros, sobretudo com aqueles que, muitas vezes pelos mais diversos motivos, frequentam os nossos mosteiros.

Devemos saber oferecer lugares de encontro e de convergência, de escuta e de diálogo, de acolhida e de compreensão, acompanhando os caminhos de busca, mesmo quando eles não são conscientemente caminhos religiosos ou espirituais, mas permanecem, contudo, uma busca de sentido, de vida, de verdade, de justiça e de paz.

Certamente, é preciso sustentar a busca de Deus, que, porém, também é procurado quando ainda não se sabe ou não se consegue dizer o seu nome. Sem saber, a pessoa o busca mesmo assim, pensando procurar outra coisa.

É preciso acompanhar os caminhos para voltar a acender o coração, como faz o Ressuscitado ainda não reconhecido pelos dois discípulos a caminho de Emaús, decepcionados em sua esperança, para que o coração volte a arder na passagem da decepção à esperança, na ampliação dos horizontes e na purificação dos olhares.

O que deve nos preocupar é que a busca seja autêntica. Quando São Bento, na Regra, propõe a busca de Deus como único critério para avaliar a autenticidade de uma vocação monástica, acrescenta um advérbio decisivo: *si revera Deum quaerunt* (RB 58,7). *Revera!* Se verdadeiramente o procuram.

É preciso estar atentos à verdade de uma busca, porque, se ela for conduzida como uma busca verdadeira, aquele que procuramos se deixa encontrar. Nós o encontramos, e outros juntamente conosco o encontram. Nós o encontramos depois de tê-lo buscado juntos, na verdade.

Não devemos, antes de tudo, preocupar-nos em dizer quem encontramos, porque chegar cedo demais a compartilhar essa resposta significa interromper o diálogo. No contexto plurirreligioso em que vivemos, fazer o diálogo começar a partir da resposta significa torná-lo inacessível, interrompê-lo antes do tempo, transformá-lo em um diálogo entre surdos ou entre aqueles que não escutam porque se preocupam apenas em falar.

Isso não significa renunciar à própria fé, relativizá-la ou escondê-la. Significa crer com uma fé viva, com uma fé certa e invencível no Senhor Ressuscitado; isto é, com uma fé tal que não pode duvidar de que, se buscamos verdadeiramente, só poderemos encontrá-lo, mesmo quando ele se revelar como um desconhecido, um estrangeiro, alguém cujo nome ainda não sabemos.

Mas é Ele que encontramos, não outro. É preciso, porém, buscá-Lo verdadeiramente e buscá-Lo nos lugares da vida, da vida como ela é, como se apresenta, como as pessoas a experimentam, para além de uma fé conscientemente assumida.

Permanece verdadeira também para nós a pergunta feita às mulheres junto ao sepulcro, como ressoa no Evangelho de Lucas: por que procurais entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui. Ide para outro lugar.

Não podemos pretender que as pessoas encontrem o Senhor Ressuscitado se continuamos a conduzi-las aos sepulcros da morte, em vez de acompanhá-las aos lugares da vida e da luz, com uma busca verdadeira que não poderá senão conduzir — repito — ao encontro com Ele, porque Ele, e não outro, é o Vivente; Ele, e não outro, é o Ressuscitado; Ele, e não outro, é o Senhor!

A LUZ DA ORAÇÃO

Enfim, podemos ser lugares de luz se formos verdadeiramente lugares de oração, nos quais a Palavra escutada, meditada e rezada na *lectio divina* abre os olhos para a contemplação da luz que vem da luz, e o mistério celebrado na Eucaristia torna luminoso o nosso olhar na memória daquele cujo amor nada devemos antepor, porque ele nada antepôs, nem mesmo a própria vida, à nossa salvação.

Assim recorda São Cipriano ao comentar o Pai-Nosso, em uma passagem da qual provavelmente São Bento retirou o critério que nos entrega em sua Regra: nada antepor ao amor de Cristo.

Todos os dias, rezando no ritmo da Liturgia das Horas, vivemos a passagem das trevas da noite para a luz do dia, passagem que também os salmos nos fazem realizar.

A nossa oração deixa-se assim marcar em seus ritmos pelo curso do sol, que, ao se pôr e depois voltar a nascer, evoca o mistério pascal de Cristo, verdadeiro sol que nasce do alto sobre nós, para «resplandecer sobre aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte, e dirigir nossos passos no caminho da paz», como rezamos todos os dias ao nascer do sol, nas Laudes matutinas.

Nesta solenidade de São Bento, padroeiro da Europa, que celebramos hoje, 11 de julho de 2026, o ano da paz se encerra para voltar a abrir-se sobre o ano da luz.

Que o Senhor ilumine verdadeiramente os nossos passos no caminho da vida e da paz.

São Bento, que contemplou o mundo inteiro reunido em um único raio de sol, interceda por nós, para que também os nossos olhos se abram à contemplação da verdadeira luz, de modo que a nossa vida pessoal e a vida de nossas comunidades se tornem uma vida luminosa, que evangeliza por atração, irradiação e contágio, com a cruz, o livro e o arado.

Montecassino, 11 de julho de 2026
Solenidade de São Bento, padroeiro da Europa

+ Luca Antonio Fallica, osb
Abade ordinário de Montecassino